

FRANÇA



CARMINHA

DEZEMBRO DE 2010

LYON

LYON

A saída para Lyon, na manhã de 14 de dezembro de 2010, leva-nos a uma paisagem que a neve transforma, à medida que os flocos caem. A opção pelas pequenas estradas departamentais, no lugar das autoestradas é providencial para se apreciar a campagne francesa. Enquanto o carro percorre esses caminhos, fico pensando o que será possível se lembrar daqui a cinco anos ou daqui a dez. Alguém já me explicou ou já li, que não somos capazes de trazer para o consciente tudo que vimos e vivemos, pois ficaríamos loucos. Concluo, com tristeza, que só me lembrei de uma ou outra cena e começo a intensificar os registros fotográficos.



Acima, o gelo que encobre o vidro de nosso carro, que passou a noite no estacionamento do Novotel de Clermont-Ferrand. O desenho formado pelos cristais de gelo parece ter sido registrado pelas novas técnicas de nanotecnologia.



À medida que percorremos as estradinhas, a temperatura cai. Às 9h21, registra-se cinco graus negativos; às 10h19, a menor temperatura que observei nesse dia – sete graus negativos. Nas propriedades rurais não há ninguém, porque a neve, suponho, mantém a todos em casa.



Não daria para escrever sobre a experiência lionesa, sem destacar Villa Castel e Larivoire. Começarei com a primeira e deixo o segundo para depois.

Não sei bem quando se iniciou, na França, a iniciativa das *chambres d'hôtes* (quartos de hóspedes), mas desde que moramos nesse país, em 1995, essa me pareceu uma iniciativa ótima. Há uma rede de endereços, pelo país, que oferecem hospedagem em residências que se localizam nas cidades ou no campo. Pode-se encontrar alguma semelhança entre essa forma e a B&B (*bed & breakfast*) inglesa, mas, alvo pouco conhecimento meu, não me parece exatamente a mesma coisa. Se, neste caso, no geral, são hospedagens que visam o barateamento do pernoite, em relação aos elevados preços dos hotéis, quando se enfrenta o câmbio para a libra, no caso francês, a variedade de opções é maior: desde *chambres d'hôtes*, cujos preços equivalem aos dos mais simples hotéis de redes até antigos castelos que oferecem esse serviço com bastante requinte.

Ainda em Clermont-Ferrand, decidimos consultar, pela internet, as opções de *chambres d'hôte* em Lyon. Depois de observar as opções e consultarmos os preços, escolhemos Villa Castel, que se localiza na área metropolitana de Lyon, no município Rillieux-la-Pape, não muito distante da via *peripherique*, que faz o papel de anel viário que circunda a cidade principal.



Essa é a rua principal de Rillieux-la-Pape. Parece uma cidadezinha de interior, mas faz parte de uma importante área metropolitana francesa.

Chegar a Villa Castel, depois de anoitecer, não é simples e o primeiro momento de contato com esse lugar não me parece promissor. Ficamos Eliseu e eu, do lado de fora, batendo palmas e gritando “Monsieur, monsieur”, ao mesmo tempo em que o vemos, pela janela da sala de jantar, atentamente trabalhando com seus livros e uma edição do *Petit Robert*, o melhor dicionário francês. Começamos imaginar que ele é surdo, pois não adianta bater na porta e achamos arriscado atirar uma

pedrinha na janela, pois o vidro pode se partir. De repente, ele parece sair da imersão em que se encontra, olha para a janela e, ao nos ver, levanta correndo e vem abrir atenciosamente a porta, não me deixando, em hipótese alguma, carregar minha própria mala, embora deva estar quase 20 anos na minha frente

A denominação *villa* tem origem italiana e não tem relação direta com a *ville*, da língua francesa. Se esta quer dizer cidade, aquela se refere a uma construção importante, um castelinho ou um palacete erguido fora da cidade, para se aproveitar as maravilhas da vida no campo, hábito que passou a ser valorizado pela burguesia italiana, quando a vida urbana começava a apresentar as desvantagens da concentração. Deduzo que a *villa* a que chegamos agora, quando foi construída ficava nos arredores da área urbana já consolidada e, por isso, recebeu essa denominação. A Villa Castel é uma construção bonita, chegando a ser imponente, edificada na porção mais alta de um terreno que deve ter uns três mil metros quadrados. Ela se localiza ao final de uma ruela que se chama Impasse des Ecureils, o que se poderia traduzir por Beco dos Esquilos.



À esquerda e na página seguinte, esão as fotos da Villa Castel. A piscina, na foto da página seguinte, num dia de neve, tinha um ar lacônico, mas, com tanto frio, é compreensível porque os franceses têm que valorizar, quando chegam, as poucas semanas de calor.



Apesar da solidez da construção e de sua arquitetura agradável, com uma pequena cobertura em ferro e vidro, ao estilo *art nouveau*, compondo a fachada principal, por dentro, essa residência é composta de um ambiente verdadeiramente *kitsch*. A sala de jantar é toda decorada em rosa pálido, das paredes aos móveis. Há, nos aparadores laterais, objetos diversos, desde um enorme abajur com uma escultura branca e dourada do Buda, fazendo o papel de pedestal, até flores de plástico em vasos chineses, além de livros, papéis e dicionários que se amontoam pelos cantos. A sala de visitas é ampla, com um enorme sofá de couro branco. As paredes são pintadas com reproduções de pinturas que foram inspiradas num livro antigo armeniano e aí começa nossa conversa com o Monsieur Marsidonian (ou Marsedonian, porque não conseguimos entender bem a pronúncia dele).

Ele se apresenta como um francês, nascido em Lyon, de origem armeniana. Essa forma de se apresentar é comum na França: todos querem falar de seu país de nascimento, o que nem sempre designa sua nacionalidade, uma vez que essa é definida pela paternidade e pelo atendimento de um conjunto de exigências, para os que lá nascem, mas não têm pais franceses; igualmente desejam explicitar a qual região e *pays* vinculam-se para falar de sua identidade francesa; bem como precisam referir-se às suas origens familiares, do ponto de vista étnico-cultural, sempre que eles ou seus antepassados viveram a dura experiência da emigração/Imigração.



Nosso quarto na Villa Castel é decorado em tons do lilás ao roxo. Ele me lembra as igrejas, em minha infância, no tempo em que os santos eram cobertos de sedas desses tons, durante a quaresma, razão pela qual eu jamais usaria essa cor, na decoração, ainda que o conjunto seja agradável.



Ele logo nos pergunta se já havíamos ouvido falar da Armênia e, rapidamente, explicamos-lhe que temos um grande amigo de mesma origem, cujo sobrenome é Mamigonian. Ele retruca: Ulahlah!, utilizando-se de uma expressão bem francesa para demonstrar admiração e logo esclarece que este é um sobrenome importante na Armênia e nos explica que o sufixo 'nian' quer dizer 'família de'....

Nesses dias que estamos em Lyon, vamos aprendendo a compreender a lógica e o modo de ser todo especial do Monsieur Marsidonian. Esse tipo de experiência parece-nos que é, de fato, o mais interessante em *chambres d'hôtes*, embora possa acontecer de não dar nada certo. Isso nos ocorreu na região de Santiago de Compostela, onde passamos uma noite com Dióres e Marilu, numa habitação nada calorosa, em todos os sentidos. O aquecimento não era suficiente para o frio que fazia e tampouco a água quente disponível possibilitou para os dois casais tomarem banho, sobretudo depois que eu resolvi encher a banheira do nosso apartamento. Não bastasse esses fatos, a conversa do casal proprietário da residência pouco

acrescentava do ponto de vista de compreendermos o modo de vida daquela região ou daquele país.

No caso da Villa Castel, podemos afirmar que valeu a pena, porque Monsieur Marsidonian é, realmente, uma figura. É formado em Química e Biologia e trabalhou nesse ramo durante 40 anos, como empregado e, em seguida, como proprietário de uma empresa. Como ele mesmo afirmou, em tom orgulhoso, foi sindicalista e patrão. Depois de aposentado, revolveu se voltar à sua grande paixão: a geopolítica. Atualmente, dedica-se a ler obras dessa especialidade e fazer resenhas críticas que publica em revistas científicas e de difusão. Sobre um aparador na sala de jantar, há um número do famoso periódico, na área de Geografia, o Herodote, dedicado à Rússia, que ele está analisando e, então, passa a nos indicar pontos positivos e negativos dos artigos contidos nesse número. Ele conversa sobre tudo, razão pela qual, nos dois dias, a cada vez, quando entramos ou saímos, temos, pelo menos, 30 minutos de papo, sendo que não é possível gastar menos que uma hora para tomar o café da manhã numa linda mesa preparada por ele mesmo, já que sua esposa viajou.

Tudo que ele faz, é explicado a nós, num francês claro e didático, aos estrangeiros. Conta-nos que se converteu à alimentação *biologique*, o que seria, para nós, alimentação "orgânica", já que tomamos, em português, a expressão adotada pela língua inglesa. A mesa está muito bonita, com sua louça fina de origem chinesa, seus potinhos com geléias *biologiques* (ele frisa a pronúncia da palavra), com dois maravilhosos filões de pão artesanal de puro trigo, para serem o mais natural possível, iogurtes *biologiques* (ele faz, novamente, uma entonação toda peculiar para destacar a maravilha que isso significa). O café também foi preparado por ele, num modo especial, para que se possa receber os antioxidantes que a cafeína contém e, assim, nos proteger dos radicais livres que podem favorecer o câncer e, aí, mais uma explicação toda didática se segue, enquanto ele enche uma enorme xícara para mim.

O que impressiona mesmo, nesse senhor, é sua vitalidade intelectual: ele desfila referências a livros, artigos, conferências e nos conta sobre a diáspora armênia, a maravilha da cultura iraniana, as ingenuidades do Presidente da Geórgia em termos de política internacional etc etc etc. Demonstra que tem conhecimento

razoável do que foi o Governo Lula, frisando o quanto os europeus o admiraram. Diz que teve oportunidade de conhecer Evo Morales e, depois, com todo cuidado, insinua que Chavéz da Venezuela não é confiável, só para sentir nossa opinião. Assim que concordamos com ele, passa a destacar todas as atitudes do presidente venezuelano que ele desaprova. Fez perguntas sobre o Brasil e indaga sobre nossas expectativas em relação à nova presidente.



Ao lado, Eliseu e Monsieur Marsidonian, no hall de entrada da casa, que tinha o piso coberto por um delicado trabalho de mosaico.

Sem dúvida, seu assunto preferido é a Armênia e ele nos informa que há dez vezes mais armênios fora do território que compreende seu Estado-nação atual que dentro dele. Para tudo, ele tem uma explicação geográfica, como a que nos dá para que compreendamos porque os armênios haviam construído sua cultura e sua modernidade (toda peculiar, como ele destaca, pois não se trata da modernidade européia) e os curdos mantêm-se há 3000 anos, com pouca evolução e sem conseguir definir um alfabeto, mantendo-se um povo com cultura oral.

Indica-nos diversos livros e, entre eles, frisa um que trata da relação entre a extensão e a configuração dos litorais grego e europeu, como um dos fatores explicativos da construção das civilizações grega e européia. Tudo bem que, à primeira vista, trata-se de uma visão determininista, mas as explicações dele são ótimas e é fato que urbanização, sob a forma de cidades-estado ao longo do Mediterrâneo, foi fator de difusão da cultura e da civilização.

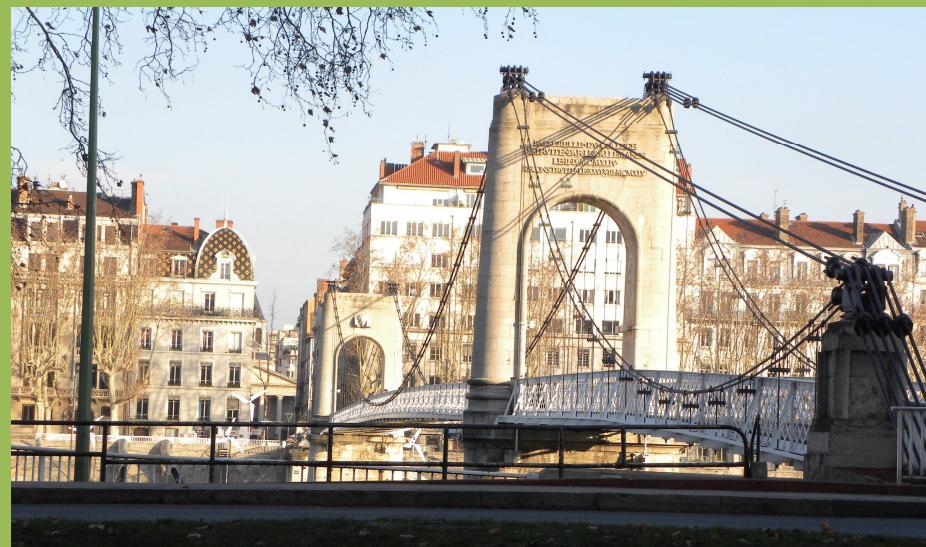
Apesar da longa descrição dedicada à Villa Castel e ao seu proprietário, registrando nesse diário de viagem nossa agradável experiência, é preciso lembrar que Lyon é muito mais que a Villa Castel.

Trata-se da segunda área metropolitana francesa, antecedida por Paris que tem um quase 12 milhões de habitantes e sucedida pela de Marseille. A aglomeração toda tem um pouco mais de 1,7 milhão de habitantes, dos quais 470 mil estão na municipalidade de Lyon. A cidade é entrecortada por meandros de dois rios importantes – Le Rhône e La Saône (de novo o masculino e o feminino para nomear os rios, sem a gente conseguir entender a razão; se tivéssemos perguntado ao Monsieur Marsidonian, ele teria vindo com alguma tese que ele denominaria de *tout-a-fait géographique*).

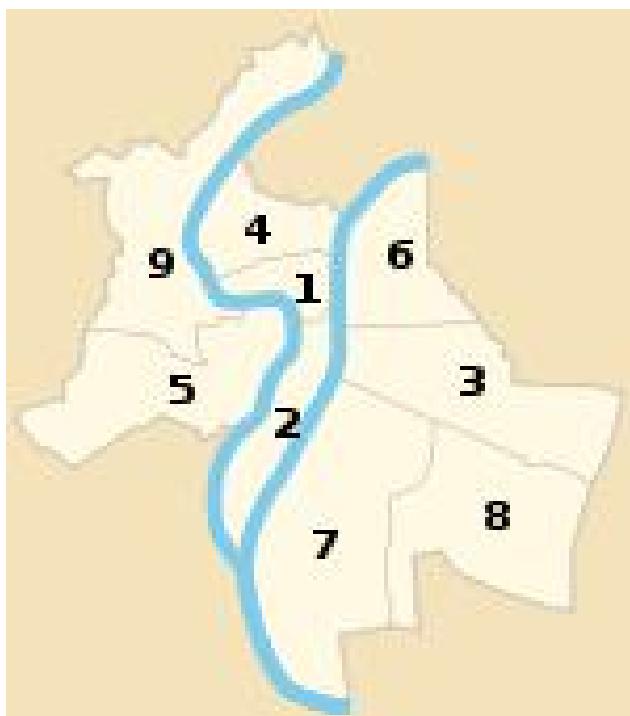
Esses dois rios estruturam e embelezam a cidade, com suas magníficas pontes, com destaque para a Pont Bonaparte uma das que dá acesso a Vieux Lyon, que se estende sobre o La Saône e a Pont de Guillotière, sobre o Le Rhône.

O centro principal da metrópole está, hoje, entre os dois rios, numa faixa estreita denominada *presqu'île* (quase ilha), já que se trata de uma área em que os dois rios se aproximam, um pouco antes de La Saône, desembocar no Le Rhône. Essa área central é estruturada por uma grande praça denominada Bellecour, ladeada pelo eixo principal dessa área, a Avenue République. Trata-se de um centro tipicamente

francês, no qual está o comércio mais importante, desde as grandes magazines, até as lojas de griffe sofisticadas, essas localizadas ao longo da Rue du Président Edouard Herriot.



Ao lado, a Pont de Guillotière, sobre o Le Rhône.



Nessa carta esquemática, retirada da Wikipédia, estão representados os dois rios: a oeste, o La Saôme, que desemboca no Le Rhône, a leste. As áreas enumeradas como 1 e 2 correspondem aos dois arrondissements que compõem o centro atual da cidade. É justamente essa faixa onde está o segundo arrondissement que eles denominam como uma presqu'ile.



Acima, a Praça Bellecour, com a neve caindo.

Segundo a lógica que estrutura as cidades brasileiras, o aparecimento dos *shopping centers* diminui o prestígio dos centros principais, gerando uma segmentação socioeconômica muito forte entre as áreas comerciais urbanas, à moda das cidades estadunidenses. Ao contrário, nas francesas, o maior prestígio continua no centro principal, que é, em grande parte das vezes, o centro histórico da cidade.

A eficiência e o conforto do transporte coletivo têm grande peso na valorização das áreas centrais. Lyon, por exemplo, é servida por uma rede de metrô com quatro linhas. Além disso, tem algumas linhas de tranway, duas de *trolleybus* e os confortáveis ônibus comuns que servem todo o espaço metropolitano.



Acima, Eliseu ao lado de uma lâmina d'água que enfeita a parte da Rue République, destinada, que é exclusivamente aos pedestres.

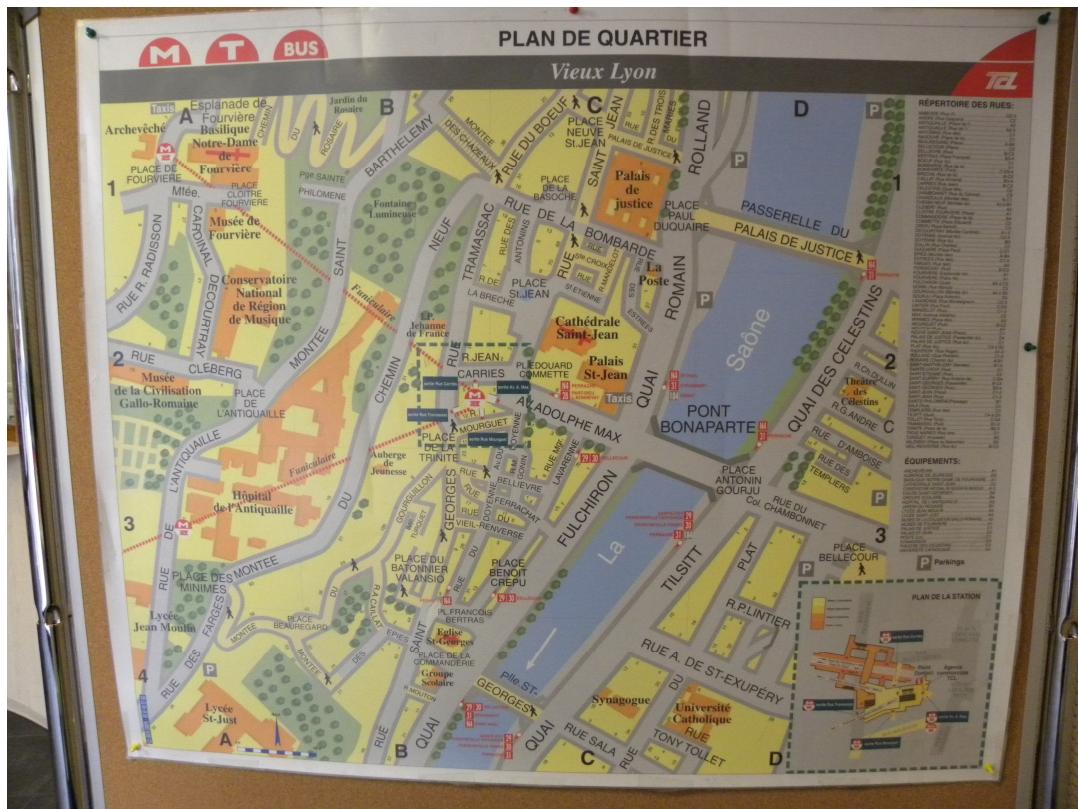
O resultado dessa fluidez espacial é um centro cheio de atividades, em que se valoriza o patrimônio arquitetônico e urbanístico, em suas formas, promovendo sua renovação funcional, o que significa a atribuição de novos valores ao seu conteúdo social, econômico e cultural.

No caso de Lyon, o centro principal está um pouco deslocado em relação ao histórico ou primaz, onde nasceu a cidade, em 43 a.C., fundada por Munatius Plancus, em função da expansão do Império Romano.

Essa área é, justamente, a que se denomina agora como Vieux Lyon (a velha Lyon), onde se localiza o Museu Galo-Romano que havíamos conhecido há 15 anos, com

Marcio, Leny, nossos filhos e os dos deles e que, agora não priorizamos entre nossas visitas, embora nossas lembranças dele sejam muito boas.





Na foto superior, um registro da planta da Vieux Lyon, fundada pelos romanos, em sítio bem elevado, mas muito próximo ao La Raône. Hoje, nesse centro histórico, predomina a função turística.

Ao lado, em foto extraída da Wikipédia, o circo edificado pelos romanos, que hoje compõe a área do Museu Galo-Romano de Lyon.

Tomamos o *funiculaire*, que nos levou até esse sítio mais alto, e já descemos em frente à Notre-Dame de Fourvière, que não era indicada pelo Guia Michelin, mas que consideramos simplesmente sensacional.



Subindo-se de funiculaire do atual centro até a Vieux Lyon, ainda se vê o paredão erguido no período romano, formando um “muro de arrimo” para a cidade assentada no patamar topográfico mais alto.



Acima, o funiculaire, que nos leva à Vieux Lyon. O sistema é o tradicional: o peso do trem que desce exerce a força necessária para o deslocamento do que sobe.

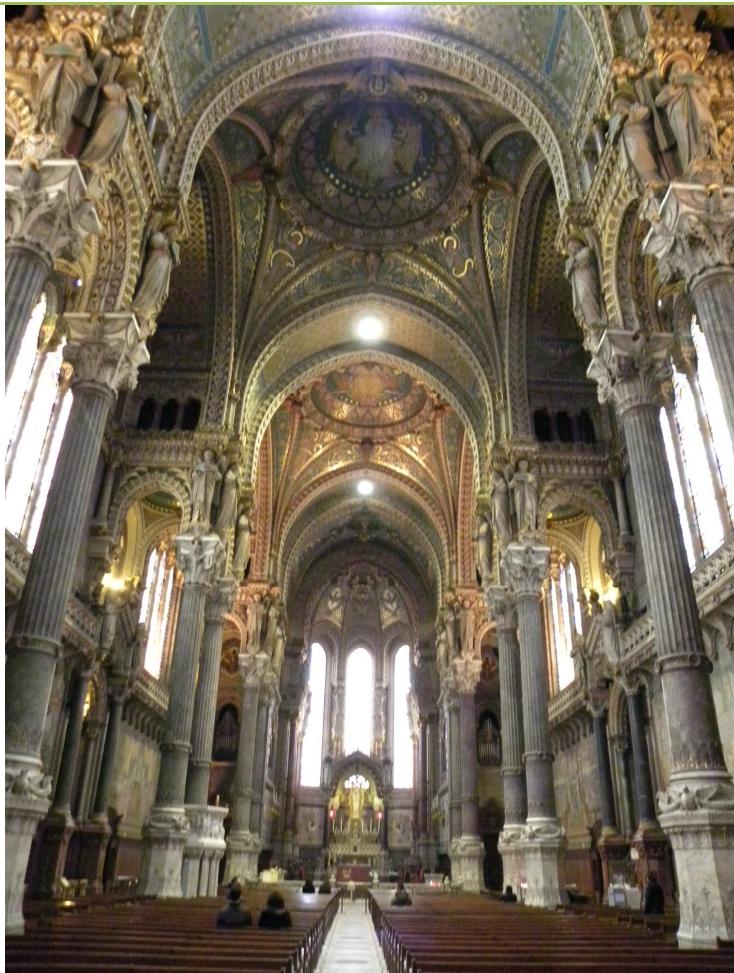


Ao lado, uma prova da cartesiana organização da vida econômica e social na França: o cartaz anuncia as perturbações que poderiam ocorrer, daí a dois dias, em função de movimento grevista.

A Notre-Dame de Fourvière é uma igreja erguida sobre outra, de tal modo que hoje lá estão as duas. A iniciativa dessa edificação não foi responsabilidade nem da Igreja nem do Estado, mas de uma Fundação que, com doações do povo, resolveu erguê-la para agradecer a Deus, de ter defendido a cidade de Lyon, da cólera que sobre ela se abateu na segunda metade do século XIX.



Ao lado, a inscrição por meio da qual se registra o agradecimento pela proteção de Lyon da cólera



A nave principal da Notre-Dame de Fourvière é suntuosa.

É provável que a miscelânea de estilos arquitetônicos e na decoração seja a razão pela qual ela não mereça ser citada no Guia Michelin bastante exigente quanto à pureza dos estilos; no entanto, a mim, a igreja pareceu linda.

Seu piso é todo adornado de delicados mosaicos, entremeados por grandes tampões metálicos dourados, como se vê na foto ao lado, por meio dos quais, se ilumina e se permite alguma entrada de ar, na igreja que está no subsolo desta.



Ao lado, a imponente entrada da igreja, com suas enormes colunas.

Abaixo, sua fachada lateral, denotando certa miscelânea de estilos, visível tanto na diversidade arquitetônica das torres, quanto nos alto-relevos da fachada, com estilo semelhante ao bizantino.





Ao lado, a igreja que funciona no subsolo, A luz que se vê nas naves laterais origina-se de pequenas aberturas, que na rua, estão no nível da calçada e no gradil que está no chão do piso superior.

No altar desse subsolo, foi montado um enorme presépio.

Abaixo, a vista de Lyon, registrada a partir do patamar topográfico, onde se assenta a Catedral, foto essa extraída também da Wikipédia. Na página seguinte, a foto que nós fizemos a partir da Vieux Lyon, na qual se percebe a bruma decorrente das temperaturas negativas que se registram nesse momento.



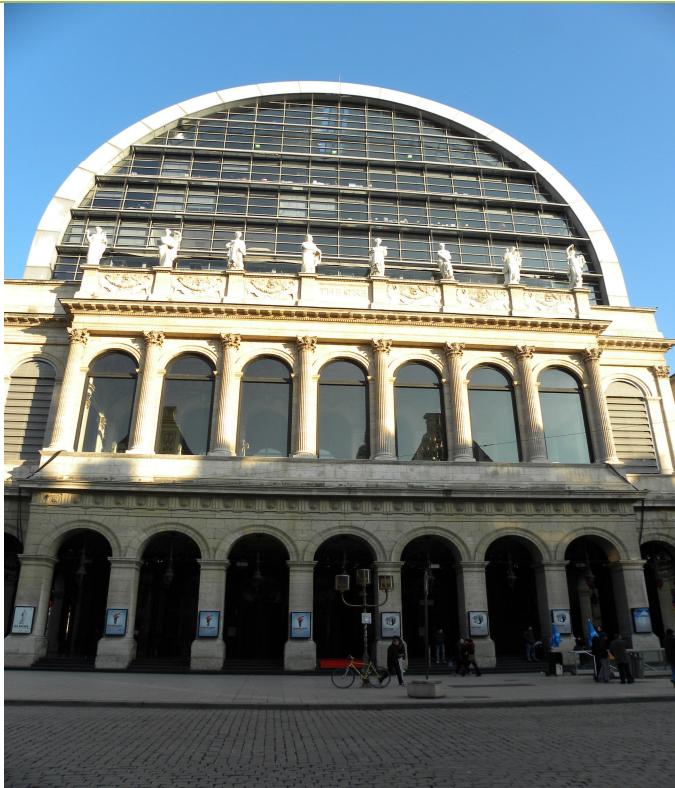


É de matar o frio que faz aqui nessa semana e, especialmente, o que faz no momento dessa visita, uma vez que à temperatura de cerca de dois a três graus negativos que registravam os termômetros no decorrer da manhã, junta-se um vento de cortar: desistimos de andar pelas ruas de Vieux Lyon, em favor de uma visita ao Musée des Arts Décoratifs et des Tissus (Museu de Decoração e de Tecidos), localizado no atual centro principal, que se estende pela presqu'île. Lá podemos nos encantar, principalmente, com sedas lionesas, mas também com chinesas, italianas, japonesas etc.

A extensão dos salões desse museu dá, às grandes peças de tecidos e às vestimentas expostas, uma distância suficiente à visualização dos visitantes, o que valoriza o patrimônio. Esse é uma razão para se visitar os museus europeus: há um arranjo espacial e organizacional que nos convida a permanecer. Nesse caso, destaco as confortáveis poltronas vermelhas de veludo, para que se possa calmamente sentar e apreciar o que se nos apresenta.



Acima, a sala central do museu, na ala destinada às tapeçarias, nas laterais, e às sedas, ao fundo. Nos cantos, as poltronas de onde se podia apreciar a exposição. Na página seguinte, o Hotel de Ville de Lyon.



Ao lado, a Ópera que, como se vê, tem uma sobre-construção que deve ter sido anexada no momento da reconstrução dessa edificação. Ao se entrar no prédio, verifica-se que, internamente, ele é todo moderno e compõe um conjunto que guarda harmonia com esse “chapéu” que acrescentaram à edificação original. Observando-se de fora, como a foto mostra, o conjunto não me parece nada agradável, justamente, por causa desse anexo, que não é arquitetonicamente elegante e acaba entrando em atrito com a construção original.

Quando voltamos a andar, vemos o Hotel de Ville, a edificação onde está a Ópera, totalmente reconstruída internamente, o que nos faz supor que ela terá sido semidestruída durante a Segunda Guerra.

Eu estou exausta de tanto andar e, com o frio, meus pés dentro da bota, não me obedecem mais, pois estão verdadeiramente rígidos e insensíveis. Entramos num café e levamos ainda vários minutos para retomar uma temperatura agradável, o que é ajudado por uma taça de vinho, para mim, e um pequeno conhaque para o Eliseu.



Eliseu e seu conhaque, num café da rede Starbucks, que conhecemos em Nova York, mas hoje está por toda parte, mostrando que a globalização não é um fenômeno apenas do setor industrial e financeiro mas atingiu o setor terciário, por meio de inúmeras franquias e redes.

A volta à Villa Castel é cheia de pequenos erros, nas rotatórias, pois já está escuro e estamos verdadeiramente cansados. A noite promete uma vez que, desde o dia anterior, por sugestão do Monsieur Marsidonian, fizemos uma reserva no Restaurante Larivoire, que fica a cerca de 500 m de lá e é, segundo ele, excelente, uma vez que todo ano recebe uma estrela no catálogo principal do Michelin restaurantes. O interessante é vê-lo repetir com a boca cheia: "*C'est un restaurant étoilé, monsieur!*" (É um restaurante estralado, senhor!). Como eu já sei do grau de exigência do guia, a expectativa é grande e ela se confirma.

Trata-se de um restaurante instalado numa casa bonita, às margens do próprio Rhône, que também corta o município de Rillieux-La-Pape. O ambiente é formal e, ao chegarmos às 20h em ponto, conforme a reserva, somos os únicos. Tudo é elegante, até mesmo o cardápio, já que a mim, *une dame*, é oferecido um cardápio com pequena diferença daquele entregue ao Eliseu, *un monsieur*: só o dele contém os preços dos pratos.

Para começar, eles oferecem uma taça de *champagne*, para mim, e um cocktail de *champagne* e *cointreau*, para o Eliseu. Tudo é muito bem apresentado: a carta de vinhos oferecida pelo jovem *somelier*, as entradas, o salmão escolhido por mim, o *filet tournedos*, opção do Eliseu, a tábua de queijos e a sobremesa, detalhadamente explicada pelo *maître*. Enfim, a noite foi digna do adjetivo supremo para os franceses: *Superbe!*

Já, ao final da refeição, vem à nossa mesa, para perguntar se está tudo bem, o próprio *chef de cuisine*, que é o dono de restaurante. Ele tem uma aparência, verdadeiramente gaulesa. Para mim, isso significa que se parece com um personagem do Asterix, com seu enorme bigode e seus cabelos brancos, os quais aparecem sob o chapéu engomado de mestre cuca (ai de mim se ele souber que eu o rebaixei de *chef de cuisine étoilé* a mestre cuca).

Respondendo às nossas perguntas, ele explica que o restaurante foi fundado em 1904 por seu avô, naquela mesma edificação. Os clientes vinham de Lyon de barco, a cavalo ou, no verão, de bicicleta, para saborear a sua comida que já era famosa. Passou ao seu pai e agora estava sob sua tutela há algumas décadas.

Quando saímos, notamos que há somente mais duas mesas ocupadas nessa noite fria, uma com outro casal e outra com seis homens que falam inglês e parecem

tratar de negócios. Parece pouco, mas como os preços não são baixos e não estamos na alta temporada, podemos supor o quanto é rentável o estabelecimento de Monsieur Bernard Constantin.



Acima, Eliseu, no Larivoire, e a taça personalizada com o "L" inicial do nome do restaurante.

Ao lado, eu com um xale que me deixar com jeito de velhinha.



A animação pelo maravilhoso jantar é complementada por um presente para fechar a noite: a neve delicada que cai, enfeitando a noite durante os 500 metros que nos separam da Villa Castel. Evidentemente, que se eu morasse ali e estivesse

voltando do supermercado, cheia de sacolas, não teria achado nada romântica essa neve.



Do lado de fora do Larivoire, a neve caía.

Abaixo, as imagens do nosso carro na manhã seguinte e o Eliseu tendo que fazer um tipo de limpeza, da qual ela jamais se ocupa no Brasil.



Deixamos, no dia seguinte, a Villa Castel, depois de conhecer, ainda, um amigo de Monsieur Marsidonian, que era francês casado com uma moça da Geórgia e se

dedica, em Paris, em sua pequena agência de viagem, a organizar pacotes turísticos personalizados para os amantes do vinho. Perguntando nossa nacionalidade, explica-nos que, infelizmente, ainda não tem seu site em português, já que prefere privilegiar as línguas de seus principais clientes: chineses, russos e estadunidenses. Gostaram? Como se vê, não se faz mais socialistas como antigamente e, agora, tantos esses como os da pátria guardiã do capitalismo utilizam os mesmos serviços sofisticados para conhecer a França.